



## **ESPETÁCULO E REALIDADE NO *TALK SHOW* ‘MÁRCIA’: DISCURSOS DE SUJEITOS COMUNS<sup>1</sup>**

Ana Oliveira<sup>2</sup>  
Júnia Ortiz  
Luara Vieira  
Nilton Milanez<sup>3</sup>

### **Resumo**

Este trabalho pretende, com base na Análise do Discurso de orientação francesa, a partir dos postulados de Michel Foucault, analisar a espetacularização dos acontecimentos relacionados à vida cotidiana do sujeito comum no programa *Márcia*, da Rede Bandeirantes na televisão brasileira. O programa apresenta diariamente os problemas de vida de sujeitos anônimos que, ao exporem suas intimidades, se transformam em “celebridades momentâneas” e, por outro lado, são ridicularizados diante da platéia do programa e, conseqüentemente, da população brasileira. Estudaremos, portanto, como a veiculação deste produto midiático colabora para a construção e imposição de identidades na sociedade, além de recuperar memórias a partir de recortes na história. Serão estabelecidas relações entre os discursos do programa e o filme *Freaks*, lançado em 1932, conhecido como o “circo dos horrores”.

**Palavras-chave:** espetáculo; televisão; realidade; sujeito; memória; discurso.

---

<sup>1</sup>Projeto de Pesquisa: “Corpo e Discurso: lugares de memórias das identidades brasileiras na mídia e na literatura”, na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/Vitória da Conquista; coordenado pelo professor Dr. Nilton Milanez.

<sup>2</sup>Graduandas do Curso de Comunicação Social/Jornalismo na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB/VIC; participante do Grudiorcorp/CNPq – Grupo de Estudos sobre o Discurso e o Corpo; e-mails: [anasoliver@hotmail.com](mailto:anasoliver@hotmail.com); [junia.ortiz@gmail.com](mailto:junia.ortiz@gmail.com); [luarapvieira@yahoo.com.br](mailto:luarapvieira@yahoo.com.br).

<sup>3</sup>Orientador do trabalho. Professor Dr. em Linguística/Análise do Discurso, do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da UESB/VIC; líder do Grudiorcorp/CNPq; e-mail: [niltonmilanez@hotmail.com](mailto:niltonmilanez@hotmail.com).

## Introdução

O palco está armado, o cenário se cria, os atores envolvidos na trama são sujeitos comuns, anônimos. Todos querem acompanhar o desenrolar dos acontecimentos. Sem sair de casa, o espectador é convidado a se divertir, assistindo ao “show” de problemas cotidianos levados ao ar em rede nacional, em poltrona privilegiada.

O objetivo maior deste trabalho é analisar discursivamente a forma como se dá a transformação dos problemas cotidianos de sujeitos comuns em verdadeiros espetáculos, operada pela mídia televisiva. Para tanto, escolhemos como objeto de análise o “talk show” *Márcia*, apresentado por Márcia Goldschmidt e transmitido pela Rede Bandeirantes. O programa tem como objetivo buscar um desfecho para cada caso em questão, levando entretenimento para o telespectador que acompanha o drama. Foram analisadas as veiculações dos dias 19, 22, 23 e 24 de setembro de 2008.

Tentaremos estabelecer uma relação entre os discursos produzidos pelo programa e os discursos do filme *Freaks*. Considerado um filme de terror, *Freaks* foi lançado em 1932, dirigido por Tod Browning, e causou grande polêmica por retratar as misérias humanas e transformar as deficiências físicas dos sujeitos em um espetáculo de horror.

Entendendo a televisão como espaço de circulação de imagens e produção de identidades, discutiremos ainda o processo de construção de identidades na mídia, realizada por meio da transformação de sujeitos que, por alguns minutos, deixam o anonimato e ganham visibilidade, pelo menos durante o momento em que expõem suas vidas no programa.

Este trabalho utiliza como ferramenta para pensar a relação entre realidade e espetáculo os pressupostos teóricos e metodológicos da Análise do Discurso de orientação francesa, fundamentada nos postulados de Michel Foucault. Mostraremos que o sujeito se constrói discursivamente como um *nó na rede* e torna-se visível por mecanismos de controle exercidos pela mídia televisiva.

## **A magia televisiva e a construção da realidade**

O advento da televisão representou um marco radical na história da comunicação. “A televisão juntou o alcance geográfico do rádio às potencialidades visuais do cinema e se converteu numa ‘magia a domicílio’” (BORDENAVE, 1982, p.30). A TV mostrou ao mundo que não era apenas mais um eletrodoméstico, mas um veículo que “influencia atitudes, determina valores, muda comportamentos, redireciona caminhos, questiona posturas, revela avanços, denuncia atrocidades, discute, analisa, comenta, explica, informa, ensina, entretém e deseduca. E também emociona, choca, revolta, entristece e alegra...” (PATERNOSTRO, 1999, p. 9).

Grande parte do poder televisivo pode ser atribuído ao fato deste meio de comunicação unir imagem e som, dois componentes que têm um imenso valor no que diz respeito à atração do público. “[...] A imagem tem a particularidade de poder produzir o que os críticos literários chamam *o efeito de real*, ela pode fazer ver e fazer crer no que faz ver” (BOURDIEU, 1997, p. 28).

A televisão aparece no século XX como resultado dos esforços humanos na luta contra as barreiras impostas pelo tempo e pelo espaço. A primeira estação de TV do Brasil e da América Latina, a PRF-3 TV Difusora, depois TV Tupi – Canal 3, foi inaugurada, em São Paulo, no dia 18 de setembro de 1950 e extinta em julho de 1980. Para além dos canais de televisão que marcam a história, permanece a magia televisiva que, em menos de cinco décadas, fez deste meio de comunicação o mais poderoso do país.

Na medida em que o tempo passava, numerosas transformações ocorriam na televisão brasileira. Em 26 de abril de 1965, foi fundada a TV Globo, que surge quando a televisão já começava a assumir o seu caráter comercial, implantando o modelo copiado dos Estados Unidos, em que é vendido o tempo como um todo para a publicidade e não mais programas isolados. Os programas de auditório começam a ter espaço nas programações das emissoras. Em 01 de setembro de 1969, foi ao ar pela primeira vez o Jornal Nacional, inaugurando um novo tipo de jornalismo na TV e a transmissão em rede. A Globo tornava-se líder em audiência.

A partir dos anos 80, os canais de televisão começaram uma luta constante por audiência e passaram a produzir programas apelativos fundamentados no sensacionalismo. A televisão soube explorar determinados assuntos na violenta busca por audiência. “[...] O sangue e o sexo, o drama e o crime sempre fizeram vender [...]” (BOURDIEU, 1997, p. 22).

Foram produzidos programas em que as pessoas comuns, geralmente das classes baixas, apareciam na tela contando seus problemas, discutindo e até se agredindo fisicamente. Eram mostradas pessoas com deficiências físicas em busca de ajuda e exibidas “aberrações”. Um programa deste gênero que marcou a televisão brasileira com seus altos índices de audiência e causou muita polêmica, nos anos 90, foi o “Ratinho Livre”, apresentado por Carlos Roberto Massa, o Ratinho, inicialmente na Rede Record.

O SBT veiculava, na mesma época, o programa *Márcia*, apresentado por Márcia Goldschmidt e também baseado em discussões, geralmente, entre casais que iam ao programa em busca de uma solução para seus problemas. Este gênero de programa televisivo é conhecido como *talk show* e se caracteriza pela presença de um apresentador que sugere assuntos e modera uma discussão feita pelo público.

O programa *Márcia* é exibido ainda hoje na televisão brasileira e de forma não muito diferente da anterior, o que nos leva a pensar que a TV não mudou muito o teor de suas programações e continua trabalhando com o sensacionalismo e a espetacularização dos fatos.

### “Márcia”

O programa *Márcia* atualmente é veiculado na Rede Bandeirantes, de segunda a sexta-feira, às 16hh15. Márcia Goldschmidt apresenta o *talk show*, que conta com uma platéia de aproximadamente 100 pessoas, convidados que expõem seus problemas de frente para as câmeras e profissionais como psicólogos e advogados, que ocasionalmente aparecem para ajudar as pessoas a resolverem seus conflitos. Segundo a apresentação do programa feita no *site* da Rede Bandeirantes, “Márcia mostra os dramas de pessoas comuns

em busca de soluções para seus problemas. Paixões, traições, desencontros e muito mistério em um programa diário e ao vivo”.

Os fatos cotidianos das pessoas comuns são mostrados e debatidos no programa. Entre os assuntos que aparecem, os mais freqüentes são infidelidade conjugal, conflitos entre pais e filhos e teste de paternidade. As representações televisivas do tipo *talk-show* tentam se aproximar ao máximo da realidade, levando aos palcos dos programas sujeitos e dramas reais; é assim que acontece em “Márcia”. Nesta produção, as pessoas deixam o ambiente “real” em que, como anônimas, enfrentam seus problemas diários e passam a ser participantes de um programa de TV, relatando e mostrando sua vida para um grande público, como se assim pudessem se transformar em “personagens de uma novela” e, conseqüentemente, em celebridades. É um jogo complexo que separa e mistura, ao mesmo tempo, realidade e ficção.

### **Celebridades “momentâneas”: o público e o privado**

A origem da divisão conceitual entre as esferas pública e privada remonta a Grécia antiga. A esfera privada refere-se à “esfera da casa (oikos), da família e daquilo que é próprio (idion) ao homem. Baseia-se em relações de parentesco como a phratria (irmandade) e a phyle (amizade)” (ANTUNES). Na esfera privada, o indivíduo não participava da vida política. Por outro lado, a esfera pública tratava-se da esfera da vida política na polis, do comum (koinon). Se o sujeito participava da vida política, então era considerado forte o suficiente para dissolver os assuntos relacionados à família e a casa e se fazer parte da esfera pública. O espaço público era onde se poderia exercer a liberdade, onde todos eram iguais e livres para expressar sua opinião. Existe aí uma clara oposição entre a dominação na esfera privada e a liberdade na esfera pública.

Na sociedade contemporânea, o que se pode observar é uma transformação desses dois conceitos. Com o desenvolvimento dos meios de comunicação, muitas mudanças ocorreram na vida social de cada época e até os dias de hoje. A convergência de som e imagem na televisão, atrelada à transmissão de imagens à distância, rompem as barreiras temporais e espaciais, o que aproxima o telespectador dos acontecimentos. A TV é hoje o espaço público onde a vida acontece. Hoje, ser público e visível significa estar na mídia, é estar na tela da TV.

Para o professor de sociologia política da Universidade de Cambridge, na Inglaterra, John Thompson, todas essas transformações sociais que caracterizam o desenvolvimento do uso da mídia, criaram novas formas de ação e interação, constituindo-se assim, a mídia, não como mais um mero veículo de transmissão de informações.

A mídia transformou as condições da vida social e política. Uma das conseqüências foi a transformação da visibilidade. Há algum tempo, um acontecimento público era o que acontecia em locais abertos, acessíveis a todos, e para ser visto era necessária a presença física. Privado era o que permanecia restrito a poucos, atrás de portas fechadas. Com a Mídia, público e privado adquiriram um novo sentido. Público é o que pode ser alcançado pelo olho da grande mídia, ao transmitir um evento a milhões de pessoas, distantes no espaço e afastadas no tempo. Público agora é o visível (THOMPSON apud PORCELLO).

Para alcançarem notoriedade, os homens da Antigüidade ingressavam na vida pública através da ação política, hoje, para escapar do anonimato, a busca por uma posição de destaque se dá por meio do desejo crescente de visibilidade, ou seja, ter a imagem na televisão. Ao compartilharem suas histórias em rede nacional, os participantes do programa *Márcia* transformam os problemas, que pertencem à instância da vida privada, em objetos de acesso público. Constroem-se, então, verdadeiras celebridades “momentâneas”, com seus minutos de fama.

O programa exibido no dia 19 de setembro apresentou a história de Lúcia e Juracy, juntos há vinte e um anos e pais de um filho de 20. A vida do casal começa a se deteriorar após Juracy ter traído Lúcia há seis anos, desde então, ela perde a confiança no marido. Juracy afirma que tudo não passa de um assunto do passado, mas Lúcia ainda desconfia de que está sendo traída e, por isso, procura o programa para eliminar a dúvida através da utilização do polígrafo. “Hoje iremos descobrir toda a verdade”, diz a voz em *off* que narra a reconstituição. Márcia completa: “casos assim você já sabe: é com o polígrafo mesmo!”. De início, apenas a mulher está no centro, Márcia faz as vezes de uma amiga confidente e conversa com Lúcia num bate-papo “informal”. Lúcia responde e revela alguns detalhes de sua vida particular. A apresentadora pergunta: “como é a vida do casal?” Lúcia responde: “é um inferno”, e acrescenta: “como vou ser feliz vivendo com um homem desse jeito? Ele me machuca

muito com palavras, diz que estou saindo com outro homem”. Mas não é bem isso que Márcia quer saber. Ela insiste em descobrir detalhes da vida sexual do casal: “mas intimamente vocês estão bem ainda?”, pergunta, e a resposta de Lúcia é: “não, há um tempo até tirei ele da minha cama, já não dormimos mais juntos”. Todas as atenções são voltadas para a exposição da intimidade do casal.

Para Rosa Maria Bueno Fischer (2007), os pilares do público e do privado têm ganhado novos contornos na atualidade, passaram a fazer parte um do outro, rompendo o limite entre vida pública e vida privada e a distância entre elas. Segundo Hannah Arendt (apud FISCHER) autora do livro “A condição humana”, a ampliação da esfera privada não significa que ela se transformou em pública, mas que ficamos cada vez mais “privados” de ver e ouvir profundamente os outros, estar na companhia uns dos outros parece ter perdido força.

Temos aí uma série de problemas novos, produzidos pela volúpia da exposição do privado, sem nos darmos conta da impossibilidade real de comunicar por completo o que é da ordem do íntimo, a qual é acompanhada de uma necessidade aparentemente contraditória: de sermos ouvidos e vistos no espaço público, já que isto nos garantiria a condição de sermos “realidade”. Que encanto extraordinário tem a esfera pública midiática, a ponto de por ela nos desfazermos de nossa intimidade? (FISCHER, 2007).

### **O sujeito e suas coerções na sociedade**

Diferentes sujeitos constroem o programa *Márcia*. Os convidados, os profissionais que aparecem com as explicações e sugestões, as pessoas que apresentam algumas propagandas ao decorrer do programa, a platéia, a apresentadora e toda a sua equipe técnica e de produção. Compreender o sujeito discursivo é de suma importância para nosso estudo. Por isso, trazemos o conceito de Milanez (2004, p. 183):

(...) cada um de nós, enquanto sujeitos, é o resultado de uma fabricação que se dá no interior do espaço delimitado pelos três eixos da ontologia do presente: os eixos do ser-saber, do ser-poder e do ser-si. São os dispositivos e suas técnicas de fabricação - dentre as quais a disciplinaridade é um forte exemplo - que instituem o que chamamos de sujeito.

O sujeito, de acordo com Foucault deve ser analisado em seu aspecto social e histórico. Os discursos não são fixos, por isso a análise precisa voltar-se para o contexto histórico-social no qual o programa *Márcia* está inserido. É necessário observar as posições dos sujeitos para identificar os sentidos da enunciação.

A noção de identidade também tem a sua relevância para o desenvolvimento deste trabalho, na medida em que se percebe que o programa constantemente trabalha com a exposição de identidades. A identidade é formada pelas posições com as quais os sujeitos se identificam e assumem e com as suas relações interindividuais.

A mídia aparece na sociedade atual como um dos poderes que indicam aos sujeitos quais posições eles devem ocupar. Segundo Gregolin (apud MILANEZ, 2004), a mídia pode ser enxergada como um poderoso dispositivo produtor de identidades. “[...] Cada um faz não o que quer, mas aquilo que pode, aquilo que lhe cabe na posição de sujeito que ele ocupa numa determinada sociedade” (MILANEZ, 2004, p.183).

*Márcia* não apenas reproduz identidades construídas historicamente, como também reforça esses modelos. Os sujeitos que aparecem no programa assumem a identidade pré-construída pelo programa.

A representação, compreendida como um processo cultural, estabelece identidades individuais e coletivas e os sistemas simbólicos nos quais ela se baseia fornecem possíveis respostas às questões: Quem eu sou? O que eu poderia ser? Quem eu quero ser? Os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar (WOODWARD, 2005, p. 17).

Segundo Silva (2005), a definição de identidade - discursiva e linguística- está sujeita as relações de poder. A identidade, conforme o autor, não é apenas definida, mas imposta. Todo discurso pertence a uma “ordem discursiva”, que impede os sujeitos de proferirem determinados discursos. Como afirma Michel Foucault (2008) em sua obra *A ordem do discurso*, o discurso é controlado, selecionado e redistribuído, a fim de que seus “perigos e poderes” sejam conjurados. Entende-se que eles são marcados por certos procedimentos de controle, que agem explicitamente ou



implicitamente sobre os sujeitos. Para o filósofo, três princípios são essenciais para compreender os mecanismos de controle que envolve os discursos, são eles: a *interdição*, a *rejeição* e a *vontade de verdade*.

O primeiro deles, a interdição, é marcado pela autoridade conferida ao sujeito para pronunciar um discurso, a posição que ele ocupa e o impedimento de abordar certos temas na sociedade. Foucault (2008, p. 9) afirma que “(...) não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância, que qualquer um, enfim, não pode falar de qualquer coisa”. Cada sujeito tem o direito de proferir determinado discurso, porque por trás dele há uma instituição que legitima o seu discurso tornando-o apto para falar sobre um assunto, por exemplo, o discurso do médico, do professor, do estudante, da pedagoga, do advogado e outros.

O segundo é a rejeição, em que os sujeitos são segregados de certos discursos da sociedade, assim como ocorreu com o discurso do louco na idade média, o qual não se enquadrava na *ordem discursiva* da época.

De qualquer modo, excluída ou secretamente investida pela razão, no sentido restrito, ela não existia. Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco; elas eram o lugar onde se exercia a separação; mas não eram nunca recolhidas nem escutadas, (FOUCAULT, 2008, p. 11)

O terceiro princípio se constrói com a vontade de verdade. Os sujeitos são marcados por uma necessidade de delimitar algo como verdade, mas não sabe também se ela existe e quem a detém. Todo o tempo é imposto, a nós, sujeitos, discursos que se dizem verdadeiros e que buscam justificativas em outros campos discursivos para torná-los mais consistentes e lhe cobrirem com um ar de veracidade. Segundo o pensamento de Foucault:

(...) essa vontade de verdade assim apoiada sobre um suporte e uma distribuição institucional tende a exercer sobre os outros discursos – estou sempre falando de nossa sociedade – uma espécie de pressão e como que um poder de coerção, (2008, p. 18).

No programa *Márcia*, percebe-se que o sujeito está diante de inúmeros procedimentos de controle como, a própria apresentadora que se apropria de um poder de salvadora dos sujeitos e dos seus problemas cotidianos. Logo na abertura do

programa pode-se notar isso. Márcia aparece à frente de uma multidão, dando a idéia de um exército onde ela é a comandante, pois, está à frente para defender os sujeitos. Essa idéia é fortalecida com o slogan da apresentadora: “mexeu com você, mexeu comigo”.

Quando o programa aborda temas de traição a apresentadora aparece atrás de um púlpito, assumindo a posição de uma juíza. Essas posições devem-se ao fato de por toda a sua carreira criar essa postura de defensora, de que ela pode solucionar o problema dos sujeitos. No programa, ela adquiriu o direito de proferir esses tipos de discursos e até de julgar os sujeitos ditos como “acusados”.

Os participantes são classificados como “vítimas” e “acusados”. A depender do caso, o suposto culpado é submetido, então, ao polígrafo, uma espécie de máquina da verdade que dirá se ele está mentido ou não, e juntamente com Márcia dará o parecer final. O sujeito é tomado por uma variedade de fios e aparelhos que se ligam a ele para medir todos os seus movimentos e captar a veracidade do seu discurso. Estamos diante de um mecanismo de controle que coloca o sujeito em uma situação de constrangimento e, quando a máquina afirma que ele mentiu, todo o seu discurso perde o seu valor, porque o parecer da máquina não é questionado, se ela disse que ele mentiu é porque mentiu e ponto final. Então, todo o discurso é controlado por um programa tecnológico.

O sujeito “acusado” responde a inúmeras perguntas e todas as suas respostas são comparadas com a do polígrafo. De uma pergunta a outra Márcia faz todo um suspense para deixar o seu público ainda mais curioso. Dessa forma, consegue fazer com que os sujeitos-espectadores fiquem assistindo ao programa até o seu término, pois, os eles são tomados por uma ansiedade em saber como terminará a história. Para prender a atenção dos espectadores, a apresentadora também repete cada uma das perguntas quando vai fazer a comparação das respostas.

Ao abordar outros assuntos, Márcia aparece sentada na primeira fileira de cadeira do programa, no meio da platéia. Nesse momento, ela se coloca como igual, ou seja, no mesmo patamar dos sujeitos. Ela retira um pouco a sua imagem de comando, entretanto, não deixa de exercer um papel de julgamento.



Outro procedimento de controle identificado é a logomarca na tela da TV que mostra a letra *m* sobre o nome *marcia*, o interessante é que esse *m* fica todo o tempo girando, o que nos dá a idéia de hipnose. Isso é uma forma do sujeitamento dos sujeitos, visto que eles se deixam, muitas vezes, conduzir pelos apelos do programa. Ou melhor, são tomados pelo desejo de assistir ao programa até o final e saciar a sua curiosidade. Mas não são todos os sujeitos que se deixam conduzir, existem aqueles que resistem a todos esses mecanismos de controle, porque onde há poder, há resistência. Esse detalhe prende muito a atenção de quem está assistindo ao programa e ao lado dele aparece sempre um texto “Fale conosco: [marcia@band.com.br](mailto:marcia@band.com.br), fone: (0xx11) 31534003”; ou informações sobre o problema abordado como “eu precisava saber a verdade...”. Um recurso que denota a importância da participação do público, visto que é este que faz o programa acontecer com suas histórias.

### ***Márcia* e a espetacularização da vida dos sujeitos comuns**

Para compreendermos o comportamento e os discursos da mídia, inclusive do programa *Márcia*, precisamos pensar a espetacularização da cultura como efeito discursivo. Os veículos de comunicação constroem, através dos seus discursos, uma espetacularização dos fatos por eles representados.

Pensando a espetacularização da cultura como efeito do discurso, é necessário tentar entender as práticas discursivas que a constroem, trabalhar com a regularidade dos enunciados, com o conjunto das condições do seu aparecimento (Gregolin, 2003; p. 11).

Seguindo a visão de Gregolin (2003), é possível voltar o olhar para a sociedade e o seu contexto histórico-social. Percebe-se, assim, que o objeto deste estudo, *Márcia*, não aparece na televisão por mero acaso, mas por ter características que possibilitam o seu surgimento e permanência naquele espaço. Este tipo de produção tem lugar na “sociedade do espetáculo”.

O século XXI marcado pela moderna sociedade do consumo e pelo triunfo do espetáculo foi previsto por GUY Debord (1997): “Toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresenta como uma imensa acumulação de *espetáculos*. Tudo o que era vivido diretamente tornou-se uma representação” (1997, p. 13). De acordo com o autor, o espetáculo é “uma relação social entre pessoas, mediada por imagens”.

A mídia não está apenas inserida nessa sociedade em que o espetáculo tem papel fundamental. “[...] A rigorosa lógica do espetáculo comanda em toda parte as exuberantes e diversas extravagâncias da mídia” (DEBORD, 1997, p. 171). Dessa forma, ela também reproduz, alimenta e estimula essa ideologia.

De forma bem específica, a TV emerge como um dos segmentos midiáticos mais espetaculares. “A televisão convida à *dramatização*, no duplo sentido: põe em cena, em imagens, um acontecimento e exagera-lhe a importância, a gravidade, e o caráter dramático, trágico” (BOURDIEU, 1997, p. 25).

Todo esse mecanismo de tornar os acontecimentos espetaculares pode ser visto no programa *Márcia* ao observarmos determinadas posturas da apresentadora que produzem efeitos de suspense e drama. Os assuntos que aparecem no programa são transformados em espetáculo para serem expostos na televisão. A “ordem do discurso” televisivo determina o que, como e em que programas os sujeitos devem aparecer. No programa do dia 19 de setembro podemos identificar com maior evidência o suspense no tema de traição, onde todo o programa é reservado ao caso. Também é evidente no tema revelações com o quadro ‘desabafo’, em que os sujeitos mandam cartas contando suas histórias, que são reproduzidas no ar. Esse quadro é sempre apresentado por uma frase suspense: “eu precisava saber a verdade...”, “eu não desejei essa gravidez e...”. Tais enunciados provocam nos sujeitos a curiosidade de saber como a história terminará.

No dia 22 o programa anunciou que iria tratar de um caso inaceitável: “Ela decidiu revelar um segredo daqueles para a mãe!”. A apresentadora sempre salientava: “É impossível que sua mãe aceite isso”; “É barra pesada”; “Você está realmente preparada para sua mãe ficar revoltada com você?”. É quase inevitável não

se sujeitar a esse suspense. Os sujeitos são capturados pela curiosidade de conhecer a revelação da filha para a mãe. E ao mesmo tempo, nós, sujeitos-espectadores, nos questionamos sobre o que seria esse ‘inaceitável’. A sociedade cria um conjunto de regras para conduzir um comportamento moral dos sujeitos e qualquer discurso que fuja dessa ‘ordem’ será ‘inaceitável’. O caso se referia ao tema: “filha apaixonada pelo namorado da mãe” e a moça afirmou: “Vou lutar para roubar o seu namorado”.

### **Histórias que retomam histórias**

O programa *Márcia* expõe a vida cotidiana dos sujeitos participantes. Alguns são ridicularizados pela apresentadora e pela platéia. O vocabulário utilizado por Márcia já demonstra o nível do programa, como “cobra”, “mentiroso”, “vai esquentar” e outros. Estamos diante de um espetáculo da realidade, que nos possibilita retomar outras memórias na história. Mas antes de entrar nesse tópico, torna-se necessário deixarmos claro o que estamos identificando como *memória discursiva*.

Quando se estuda a memória discursiva deve-se lembrar que não se trata de recordações do passado, e sim, de acontecimentos anteriores e posteriores a certo discurso. Os discursos retomam, transformam e falam dos próprios discursos indefinidamente. É justamente a repetição que permite o aparecimento de novos acontecimentos (MILANEZ, 2006). Para entender a memória é necessário levar em consideração aspectos sociais e culturais de uma época. Como afirma Fernandes (2007, p. 61): “Em se tratando de memória discursiva não estão em questão às lembranças que cada sujeito tem do passado, mas sim a existência de um mundo sociocultural, com formas de trabalho, de lazer, etc., específicas”.

Os enunciados possuem a característica de se relacionar com outros enunciados ou imagens e promover lembranças atualizadas de um acontecimento. Mesmo que ele se repita não é nunca o mesmo, pois, todo enunciado é singular em sua existência. Existe uma memória social ou coletiva e uma memória discursiva. A primeira auxilia a sociedade a se conhecer, a se compreender. Já a memória



discursiva, através de repetições, conduz à interpretação de diferentes enunciados, que têm uma existência histórica no interior de práticas discursivas.

Qualquer imagem faz parte de uma memória visual do sujeito e as relações exteriores dela denominam-se como intericonicidade<sup>4</sup>. Segundo Courtine (*apud* MILANEZ, 2004) quando estamos diante de uma imagem devemos destacar nela os seus elementos semióticos, recuperando as imagens semelhantes ou interrogando suas condições de produção e circulação. Courtine (2005)<sup>5</sup> declarou que:

intericonicidade supõe as relações das imagens exteriores ao sujeito como quando uma imagem pode ser inscrita em uma série de imagens, uma genealogia como o enunciado em uma rede de formulação segundo Foucault. Mas isso supõe também levar em consideração todos os catálogos de memória da imagem do indivíduo.

Quando nos dirigimos ao nosso *corpus* recuperamos uma memória discursiva, o filme *Freaks* de 1932, mais conhecido como “o circo dos horrores”. Quando relacionamos o programa *Márcia* e o filme *Freaks*, percebe-se que a espetacularização apresentada no primeiro retoma a outro período histórico, ou seja, as memórias são retomadas a partir de recortes descontínuos na história. Segundo Gregolin (2000):

O poder da imagem é o de possibilitar o retorno de temas e figuras do passado, coloca-los insistentemente na atualidade, provocar sua emergência na memória presente. A imagem traz discursos que estão em outros lugares e que voltam sob a forma de remissões, de retomadas e de efeitos de paráfrases. Por estarem sujeitas aos diálogos interdiscursivos, elas não são transparentemente legíveis, são atravessadas por falhas que vêm de seu exterior - a sua colocação em discurso vem clivada de pegadas, (p. 22)

Esse filme retrata a *normalidade* e a *anormalidade* corporal dos sujeitos, a história se passa dentro de um circo e mostra uma espetacularização dos sujeitos que possuem deformidades físicas, por exemplo, irmãos siameses, homem cobra, anões, homem esqueleto, mulher galinha etc. Os sujeitos são expostos a uma platéia e

<sup>4</sup> Conceito criado por Jean-Jacques Courtine.

<sup>5</sup> Entrevista feita pelo Prof. Nilton Milanez com o Prof. Jenn-Jacques Courtine, em 27/10/2005, em Paris, na Sorbonne Nouvelle.

ridicularizados, ao mesmo tempo em que provocam risos geram também medo. O enunciado que dá início ao filme é “você verão monstros de verdade, que vivem e respiram como a gente...”, o que deixa explícito a colocação dos sujeitos como animais exóticos que precisam ser conhecidos pela sociedade. Há uma exploração da imagem desses sujeitos que são constrangidos ao máximo e nunca tratados como seres humanos. Eles têm as suas deficiências expostas a toda a sociedade. Há também a questão do suspense, quando o dono do circo vai fazer as apresentações, deixando as pessoas curiosas e ao mesmo tempo com medo do que verão.

Os sujeitos considerados “monstros” são segregados da sociedade. Eles vivem afastados e se relacionam entre si, a frase que os define é: “mexeu com um, mexeu com todos”. Um momento que demonstra bem a espetacularização é a festa de casamento do ‘anão’ Hans e da trapezista Cleópatra, uma mulher de corpo ‘normal’. Na ocasião ela insulta o ‘anão’ e o coloca sobre os ombros e passa a correr ao redor da mesa dando risadas e o constrangendo perante seus amigos: “O que devo fazer? Devo brincar com você? A mamãe deve te levar de cavalinho?”; “Vamos, vamos, minha sujeirinha de mosca. Mamãe vai te levar de cavalinho”; “Upa! Upa!”. O ‘anão’ Hans é exposto ao ridículo perante seus amigos.

Os “normais” convivem com os “anormais”, todavia isso acontece para a criação de uma verdade, que diz que existe sim uma distinção entre a raça humana. Nem todos são iguais e, colocados lado a lado, é possível percebermos isso, segundo a mentalidade da época. Temos uma segregação disfarçada, uma vez que há a participação mesclada, porém ela se distancia a partir do momento em que os “anormais” não são vistos como “lindos” ou “espetaculares” nas suas apresentações, mas sim, como as “aberrações”.

O tema do programa *Márcia* do dia 24 foi: “homem obriga esposa a usar coleira: pode?”. Um casal, o homem de quarenta e sete anos e a sua esposa 62 anos, foram ao programa mostrar a atitude que têm um para com o outro. Toda a platéia e a própria apresentadora zombaram da situação. Entretanto, o casal demonstrava satisfação em participar do programa e ter um momento para se mostrar à sociedade. O homem parecia se orgulhar em tratar a sua mulher como um ‘animal doméstico’ e



declarou: “Minha esposa só sai de casa na coleira”; “Ela gosta e eu prefiro que ela esteja sempre na coleira”. A esposa não se constringe nem um pouco e até chega a desfilar conduzida pelo marido por meio da coleira, ou melhor, uma corrente. Ela diz: “Eu acho legal todo mundo admirando”.

### **Considerações finais**

Em ambos os *corpora* identificamos sujeitos envoltos em constrangimentos. O filme quando foi lançado sofreu muitas críticas, uma vez que a sociedade da época não estava pronta para ver a “realidade” na tela do cinema ou, pelo menos, da forma como ela foi representada. Na contemporaneidade é diferente. O programa *Márcia* possui uma audiência satisfatória porque os sujeitos-espectadores “gostam” de ver os escândalos na televisão, além disso, outro fator que pode levar os sujeitos a se tornarem telespectadores assíduos do programa é o fato de se identificarem com as representações feitas ali. A espetacularização, hoje, com sujeitos reais é aceita e recebe muitos aplausos por provocar risos.

### **Referências Bibliográficas**

- ANTUNES, Marco António. **O público e o privado em Hannah Arendt**. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/antunes-marco-publico-privado.pdf>. Acesso em: 28-09-08 às 15:10.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- FERNANDES, Cleudemar Alves. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. 2ª ed. São Carlos: Claraluz, 2007.
- FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Público e Privado: rupturas e fusões**. Disponível em: <http://www.autenticaeditora.com.br/noticias/item/4>. Acesso em: 28-09-08 às 14:00.





FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Recitações de mitos: a História na lente da mídia. In: **Filigranas do Discurso**: as vozes da história. Araraquara/Unesp: Cultura Acadêmica, 2000, p. 19-34.

\_\_\_\_\_. A mídia e a espetacularização da cultura. In: **Discurso e Mídia**. A cultura do espetáculo. São Carlos, 2003, pp. 9-14.

MILANEZ, Nilton. A disciplinaridade dos corpos: o sentido em revista. In: SARGENTINI, Vanice; NAVARRO, Pedro (org.). M. Foucault e os domínios da linguagem. Discurso, poder, subjetividade. São Carlos: Claraluz, 2004, pp. 183-200.

\_\_\_\_\_. O corpo é um arquipélago: memória, intericonicidade e identidade. In: NAVARRO, Pedro (org.) **Estudos do texto e do Discurso**. Mapeando Conceitos e Métodos. São Carlos: Claraluz, 2006, pp. 153-179.

**Monstros** (Freaks). Direção: Tod Browning. Produção: Metro-Goldwyn-Mayer, EUA, 1932. elenco: Olga Baclanova, Roscoe Ates, Henry Victor, Harry Earles, Daisy Earles. Disponível em DVD (74 min.), lançado no Brasil pela Magnus Opus.

PORCELLO, Flávio A. C. **Mídia e Poder: o que esconde o brilho luminoso da tela da TV?** Disponível em: [http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/31/flavio\\_porcello.pdf](http://www.pucrs.br/famecos/pos/revfamecos/31/flavio_porcello.pdf). Acesso em: 28-09-08 às 12:05.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 73-102.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2005, pp. 7-72.